



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNERO: COMPREENSÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lorena Brenda Santos Nascimento; Lia Machado Fiuza Fialho; Francisca Genifer Andrade de Sousa.

*Universidade Estadual do Ceará, lohsantos02@gmail.com, lia\_fialho@yahoo.com.br, geniferandrade@gmail.com.*

**RESUMO:** Este trabalho objetiva compreender a formação docente e os conhecimentos adquiridos por professores da educação básica acerca da temática de gênero. A relevância do estudo consiste em identificar saberes e conhecer situações protagonizadas por professores que podem contribuir para problematização de paradigmas, impulsionando posturas de respeito a pluralidade. Defendemos o argumento de que questões de gênero ainda é assunto pouco discutido na rede municipal da cidade de Fortaleza-CE e necessita maior atenção dos educadores e das políticas de formação continuada. Optou-se por uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, em uma escola pública municipal de Fortaleza-CE, que utiliza a metodologia da história oral temática, com seis professores escolhidos aleatoriamente. Como instrumento de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas – gravadas, transcritas, textualizadas e devidamente validadas. Ao realizar a análise de conteúdo dos resultados, emergiram quatro categorias: conhecimentos aferidos, congruências, inconsistências e dificuldades encontrados, pelos docentes. Constatamos que as professoras não possuíam conhecimento mais aprofundado sobre as questões de gêneros e pouco conseguem discernir conceitos fundamentais, tais como: sexos, sexualidades e gênero, evidenciando a carência de formação para trabalhar o assunto em sala com os alunos. Sugeriu-se estimular discussões voltadas a temática “gênero” e, especialmente, para formação contínua de docentes que possibilite desenvolver propostas de ensino, com metodologias diversas, mais apropriadas para lidar com as diversidades dentro da escola, efetivando práxis docente responsável.

**Palavras chave:** formação docente, gêneros, diversidade.

Quebra de seção contínua



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## Introdução

A discussão sobre os gêneros têm sido um assunto frequentemente abordado nas diferentes esferas da sociedade, atingindo por consequência os ambientes escolares, visto que estes espaços influenciam diretamente no desenvolvimento dos indivíduos por meio da educação. Dessa maneira, entendemos que identificar os conhecimentos dos profissionais responsáveis pela docência e educação formal, bem como compreender como as questões de gênero estão sendo tratadas na escola se torna relevante.

A luta por direitos iguais, sem a universalização de valores, condutas e ideologias, que beneficie as sexualidades – considerando as condições anatômicas, fisiológicas e psicológicas - se expande dinamicamente em meio às transformações sociais, econômicas e culturais que estabelecem demandas cada vez mais distintas e específicas. O gênero se refere a identidade sexual que o indivíduo apresenta, podendo depender de sua herança biológica, psicológica ou mesmo da orientação que o mesmo se identifica na interação com o meio, sendo portanto, uma elaboração social histórica (FERNANDÉZ, 2014).

Partindo da problemática: o que os professores da educação básica conhecem sobre gênero e que práticas estão sendo desenvolvidas desde os saberes expressos? Objetivamos compreender e problematizar, nesse sentido, os saberes de alguns professores a respeito dessa temática e levantar questionamentos sobre a prática que tem sido aplicada em sala de aula para trabalhar gênero. Ao considerar que as ações docentes não influenciam somente no aprendizado teórico do aluno, transmitindo conhecimentos previamente elaborados pela sociedade, mas interferem sobremaneira na capacidade crítica, nos valores socioculturais difundidos, nas posturas adotadas, ou seja, na formação holística do ser humano, torna-se relevante compreender como o professor da educação básica percebe as diversidades e trabalha os assuntos referentes às diferenças de gênero. A discussão em tela oportuniza refletir sobre o rumo que a educação está “tomando”, ao considerar a escola como um espaço de educação intencional.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Enquanto integrantes do PIBID (Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência), durante o período de um ano, inquietou-nos reconhecer o que as professoras sabiam sobre gênero e como utilizavam esses conhecimentos no fazer pedagógico, já que ao longo da observação sistemática nas salas de aula não se presenciou nenhuma discussão acerca da temática. Acentuando a omissão, mesmo depois de publicada, recentemente, a resolução federal que abrange especialmente a educação nas escolas e universidades, garantindo a utilização do nome social, a escolha dos uniformes e a utilização de banheiros baseados na identidade de gênero de cada pessoa, não se observou qualquer movimento de discussão na escola municipal inserida no PIBID.

Considerando que há crianças/adolescentes que se apresentam como gays, bissexuais, lésbicas e transexuais, importa perceber qual a formação docente para o trabalho com as questões LGBT, visto que o assunto ainda causa polêmica e, por vezes, aversão de alguns membros da sociedade. Mesmo aferindo caráter de democracia, e defendendo tratamento igualitário aos cidadãos, essa sociedade ainda reprime e nega um modelo de educação libertadora (FREIRE, 1921-1997) que de fato ofereça aos alunos as mesmas oportunidades e direitos no saber.

### **Metodologia**

O presente trabalho abordou uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o cerne de compreender os conhecimentos e as práticas desenvolvidos por educadores, numa instituição pública de ensino municipal, a respeito das questões relacionadas ao gênero. Foi realizado um estudo de caso, que visou compreender os saberes e as ações pedagógicas dos docentes em relação a temática em tela, levando em consideração que diversos fatores – sociais, psicológicos, culturais - influenciam as ações educativas, concepções, comportamentos e ideologias difundidos no espaço escolar sobre gênero.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Realizamos entrevistas semiestruturadas que tinham por base as seguintes perguntas norteadoras: 1) O que você entende sobre gênero? 2) Você trabalha questões de gênero em sala de aula ou desenvolve atividades que elucidam essa temática? Exemplifique. 3) Você já vivenciou conflitos envolvendo os alunos em relação as sexualidades? 4) Você já participou de alguma formação que apresentou como foco a temática gênero?

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa de campo foi uma escola pública municipal, que trabalha com aproximadamente 12 turmas de ensino fundamental, nos turnos da manhã e tarde, e 6 turmas do ensino infantil, nos dois períodos. A instituição está localizada em um bairro dual, pois, ao mesmo tempo em que apresenta casas e edifícios acessíveis apenas para quem possui alto poder econômico, fica próxima a um bairro da periferia de Fortaleza-CE, considerado violento pelo o alto índice de criminalidade envolvendo o tráfico de drogas. É justamente a clientela periférica que estuda nessa escola.

Dezesseis professoras foram convidadas para participar da pesquisa. Elas até se interessaram em saber do que se tratava a pesquisa, mas após ser explicitada a temática, dez se negaram a participar alegando não ter tempo suficiente para responder os questionamentos, ou simplesmente não entender sobre o assunto. Apenas 6 professoras, escolhidas aleatoriamente, de turmas diversas, aceitaram ser entrevistadas e se disponibilizaram a participar da pesquisa. Estas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, receberam as devidas explicações sobre o objetivo e desenvolvimento do estudo, bem como que sua participação era voluntária não acarretando qualquer benefício ou prejuízo, ainda que ocorresse desistência ao longo do percurso investigativo. A identificação das docentes foi ocultada visando preservar suas identidades e deixa-las mais à vontade para falar livremente, sendo acrescentado no lugar nomes de flores.

Os dados foram coletados a partir da história oral temática (MEIHY, RIBEIRO, 2011), afim de registrar as respostas socializadas, sendo transcritas, textualizadas e validadas - mediante técnica de estrutura geradora do discurso (FLICK, 2009) - de acordo com a sequência das gravações. Por fim, a discussão dos dados foi realizada mediante análise de



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

conteúdo (BARDIN, 2004) para verificação das categorias mais significativas nas falas, seguindo critérios específicos: 1º juntaram-se todas as informações semelhantes das entrevistas transcritas; 2º agruparam-se as falas que, mesmo não sendo iguais, se assemelhavam bastante acerca de cada assunto; 3º dividiram-se as narrativas em quatro grandes grupos: a) conhecimentos aferidos, b) congruências, c) inconsistências e d) dificuldades encontrados pelos docentes; 4º agruparam-se, finalmente, as temáticas em categorias definidas pela frequência com que apareciam (FIALHO, VALDÉS, 2010). Estas, posteriormente, foram criticamente discutidas com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, compreender a formação docente e os conhecimentos adquiridos por professores da educação básica acerca da temática de gênero.

### **Resultados e discussão**

As categorias que emergiram dos resultados foram: conhecimentos aferidos, que diz respeito a compreensão das docentes em relação aos gêneros, onde constatou-se que das 6 respostas socializadas, inclusive as não transcritas aqui, todas demonstraram ter a mesma impressão sobre o tema e disseram trabalhar o assunto em sala, seja por intermédio de um conteúdo disciplinar ou pelas situações conflituosas entre alunos que constantemente pedem uma fala sobre a temática, ainda que seja de forma mais reflexiva do que esclarecedora; congruências, que aponta para as unanimidades e semelhanças de compreensão indicando que o entendimento sobre gêneros das docentes limita-se ao feminino e masculino; inconsistências, sobre as inseguranças e a incapacidade de elaborar atividades em sala que abordem os gêneros, devido a falta de conhecimento e discernimento sobre o tema; e dificuldades encontradas, sendo essas em relação a falta de apoio e uma formação direcionada exclusivamente para discutir essas questões que abrangem não somente o ambiente escolar, mas a sociedade como um todo.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Na realidade da educação básica, o professor se destaca por ser figura mediadora de relevância num espaço no qual a formação do sujeito está acontecendo, por intermédio de etapas psicológicas, afetivas e histórico sociais, que no futuro irá influenciar sua relação com o mundo e as pessoas ao seu redor (GALINKIN, 2014). Sua mediação reflete na aquisição dos conhecimentos e no desenvolvimento holístico, perpassando por aspectos gerais e específicos do aluno em processo de aprendizagem, logo, também influência na formação de ideias e pensamentos que se constituem conforme os temas que expõe em sala, e do modo como enxerga, contextualiza e interpreta as questões sociais nas interfaces com os saberes elaborados.

A formação pedagógica atinge processos e concepções de sentidos e significados diversos que são atribuídos à sexualidade do indivíduo, construídos através de reproduções e produções desses saberes em nossa sociedade (JOCA, 2009). Mesmo ciente das modificações históricas, dos ganhos sociais envolvendo os gêneros e as suas multiplicidades, existem professores que não conseguem acompanhar tais mudanças ou compreender o significado delas, seja pelo fato dos modelos educacionais presentes continuarem representando separações nas atividades desenvolvidas pelos sexos, ou pela construção social, que ainda permanece a passos lentos no caminho por uma igualdade de gêneros mais presente e discutida. Joca leciona:

[...] como espaços de socialização do saber legitimados na sociedade moderna, a família, a escola, a igreja e o estado ocupam um papel de grande importância, ao delegar-se à tarefa de atribuir aos sujeitos valores e regras quanto à formação, organização e legitimação de suas relações sociais e sexuais. No campo da sexualidade, tem-se perpetuado a heterossexualidade como possibilidade única para a vivência da sexualidade, de modo que se torna bastante difícil aos sujeitos compreenderem e reconhecerem a existência de outras possibilidades. (JOCA, 2009, p. 162).

A partir dessa fala, percebemos que a nossa elaboração conceitual partiu de princípios conservadores em meio a uma sociedade patriarcal, fato que vêm gerado consequências que perduram até os dias atuais, demonstrando “explicações” para os ambientes de formação



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

educacional ainda continuarem, por vezes, reproduzindo ideologias e ações de um pensamento retrogrado, que já deveria ter sido superado.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (2013), especificamente no seguimento de Educação em Direitos Humanos, deixa claro, em seus princípios, que o respeito pelas diferenças precisa compor necessariamente os diversos espaços sociais em vista de uma transformação que iguale os direitos dos indivíduos de maneira democrática, conforme ressalta a seguir:

[...] Igualdade de direitos: O respeito à dignidade humana, devendo existir em qualquer tempo e lugar, diz respeito à necessária condição de igualdade na orientação das relações entre os seres humanos. O princípio da igualdade de direitos está ligado, portanto, à ampliação de direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais a todos os cidadãos e cidadãs, com vistas a sua universalidade, sem distinção de cor, credo, nacionalidade, orientação sexual, biopsicossocial e local de moradia. [...] Reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades: Esse princípio se refere ao enfrentamento dos preconceitos e das discriminações, garantindo que diferenças não sejam transformadas em desigualdades. O princípio jurídico-liberal de igualdade de direitos do indivíduo deve ser complementado, então, com os princípios dos direitos humanos da garantia da alteridade entre as pessoas, grupos e coletivos. Dessa forma, igualdade e diferença são valores indissociáveis que podem impulsionar a equidade social. (BRASIL, 2013, p. 24).

É importante compreender, como afirma Pulcino (2014, p. 129) sobre a percepção das diferenças de gênero, que: “Não basta apenas reconhecer que existem diferentes expectativas para mulheres e homens, mas também perceber por meio de quais mecanismos sociais o controle dos corpos é reiterado ao longo da vida escolar dos/as estudantes, de modo a desvelá-los e tornar o tratamento dos gêneros mais igualitário”. E foi ante essa compreensão que fomos entrevistar as seis professoras para verificar como elas estavam se posicionando perante a temática em tela na sala de aula, e, consecutivamente, indagar a formação que estavam exercendo para enfrentar tais circunstâncias.

No primeiro questionamento, referente aos seus entendimentos sobre o significado de gênero, todas responderam de forma parecida, atenuado que o gênero corresponde à identificação dos sexos biologicamente, conforme exposto a seguir por três das



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entrevistadas: *“Gênero que eu entendo é o feminino e o masculino. Desde o começo do mundo que tem Adão e Eva, tem o homem e tem a mulher”*. (Rosa); *“Gênero que eu compreendo é, gênero feminino, gênero masculino, homens e mulheres, estamos sempre divididos assim”*. (Orquídea); *“Bom, pra mim, gêneros existem dois, feminino e masculino. O mundo é formado por homens e mulheres. Claro que a gente sabe que, existem várias outras vertentes, mas a priori na natureza humana, nós temos o gênero feminino e masculino”*. (Jasmim).

Percebemos nesse enfoque, que as compreensões por gêneros consistem na separação de sexos, e não é vista como uma construção social do indivíduo, mas sim como uma característica biológica que determina o homem e a mulher desde a sua chegada ao mundo. No entanto, essa é uma visão limitada que demonstra impressão e pouco conhecimento sobre a temática. Para Galinkin:

(...) é possível afirmar que gênero é uma construção histórico-social referindo-se às diferenças sociais entre homens e mulheres. Enquanto tal, é uma categoria imersa nas instituições sociais e pode ser considerada em permanente processo de construção e sujeita a transformações, dependendo do contexto no qual está inserida. Sendo construção social, o sentido atribuído ao ser masculino ou feminino pode variar de cultura para cultura e, também, no decorrer da história de uma sociedade. Constrói-se nas relações sociais, sendo a família e a escola as duas principais instituições socializadoras para o desempenho de papéis de gênero em diversas sociedades. (GALINKIN, 2014, p. 23).

A segunda pergunta da entrevista refletia em como o assunto sobre gênero é trabalhado pelas professoras em sala de aula, seja por meio de atividades específicas ou não. Segundo a professora denominada de Orquídea, nas atividades em si, ela não costuma trabalhar o tema, mas quando algum conflito é desencadeado pelos alunos a mesma sempre tenta orientar na questão do respeito pelas diferenças e nos papéis considerados “exclusivos para os sexos feminino e masculino”:

*Sempre tem exemplos do sexo oposto que desempenha alguma atividade tão bem como aquele que é dito pra aquilo, assim como existem grandes profissionais, bons cozinheiros, costureiros, pessoas que entendem de moda, que nem são mulheres. Não existe isso determinado, depende do talento de cada um e do que essa pessoa gosta de fazer. Por exemplo, quando dizem: “Futebol é um esporte para meninos”, não, eu sempre procuro colocar pra eles que a grande maioria são os meninos que jogam, mas que não há problema algum em uma menina jogar também.*



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Exemplos como esses reitera a afirmativa de que a sexualidade se materializa a partir das práticas sociais, sexuais e educativas, sendo exercida pelas relações de poder (LIMA, 2011), que dividem determinadas atividades considerando a sexualidade da pessoa, e não a sua capacidade de desempenhá-las. Em outra perspectiva, uma das educadoras destacou os próprios conteúdos dos materiais escolares como ferramenta para discutir sobre o assunto em sala com os alunos, como por exemplo, a disciplina de ciências quando vai trabalhar as diferenças entre o corpo da mulher e o do homem. Ela fala:

*No dia-a-dia a gente sempre está levantando essas questões, elas estão na idade de formação, uma hora ou outra, puxamos a questão do gênero, tanto nas atividades de ciências, como nas atividades de formação humana, esclarecendo qual é a natureza do menino, qual é a natureza da menina, coisas que geralmente os meninos fazem, ou que geralmente as meninas fazem, mas que claro, não impede também de meninas fazerem coisas típicas de meninos e vice-versa. A gente sempre tem que estar trabalhando sim, essa questão das diversidades, seja em dinâmicas, ou até mesmo no conteúdo da aula de ciências, sobre o corpo humano, os órgãos sexuais femininos e masculinos, a questão da puberdade, então sempre ta tocando nesse assunto. (Jasmim)*

Percebemos mais uma vez o reforço em relacionar que atividades e características são peculiares ao homem e mulher, na concepção fundamentalmente heterossexual. Em sua fala, Jasmim relata que a temática é levantada em sala “uma hora ou outra”, por consequência dos próprios conteúdos específicos e na disciplina denominadas de ciências ou formação humana. Porém, a maneira como as questões de gêneros são tratadas, nessa perspectiva, dão a entender que a sua função se restringe às diferenças biológicas do corpo e das funções atribuídas em decorrência do sexo, como é citado acima: “natureza do menino, natureza da menina”. Quando a educadora reconhece que o sexo não impede que um sexo realize tarefas referentes a outro sexo, ela afirma uma divisão equivocada, e a palavra “natureza” indica no contexto retrocitado ideia de que os sexos nascem predestinados a atuar de maneira específica, ressaltando a divisão social ainda reproduzida.

Já na terceira pergunta que questionava se as docentes haviam presenciado situações de conflito na escola em decorrência das diferenças de gêneros, seja envolvendo machismo,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

feminismo, ou às orientações sexuais, como o homossexualismo, transexualidade e outras diversidades, uma professora relatou a seguinte experiência:

*Em outra escola, em que eu ensinava no 4º ano, eu tinha alunos gêmeos, dois meninos, e aí um deles era bem afeminado. Tanto a escola como o pessoal da sala zoavam muito da criança, porque o outro irmão era o oposto dele, era violento e se destacava por isso. Já o outro não, já era mais pegando em cabelo, querendo se maquiar, querendo brinco, e aí esse sofria muito bullying, por ser igual em relação ao irmão fisicamente, mas ser diferente na personalidade. Tivemos que trabalhar, tanto eu como a escola toda, na questão de respeitar as diferenças, que as pessoas sempre são diferentes umas das outras, apesar das semelhanças. (Tulipa).*

A professora acrescenta que o conflito precisou de uma interferência da escola, num âmbito geral, ressaltando a necessidade de uma formação voltada não apenas especialmente para preparar os docentes no enfrentamento dessas questões que possuem uma grande fragilidade, mas de toda a comunidade escolar.

Segundo Torres (2010) essa lacuna se acentua, pois: “O movimento e lutas homossexuais, hoje compreendidas como lutas LGBT ou pela diversidade sexual, possuem uma articulação mais frágil no campo dos DH (Direitos Humanos), permanecendo como um elemento, considerando que ainda não estão assimilados pelo discurso dominante.” Esse discurso se faz presente na realidade das escolas e da sociedade, mas as lutas pelos direitos e respeito às diversidades é fruto de um trabalho que se torna cada vez mais consistente (e insistente) e aos poucos têm ganhado o próprio espaço dentro das instituições. Joca comunga com o exposto quando destaca:

No campo da sexualidade, a escola, como ambiente de apreensão e produção de saberes na prática da convivência coletiva, apresenta-se como espaço onde afloram as questões da sexualidade, tendo em vista as descobertas e curiosidades trazidas pelos/as jovens através de comportamentos e atitudes diversas. Desse modo, a abordagem acerca da sexualidade passa a integrar-se às atribuições escolares de forma imperativa em suas ações educativas, uma vez que os sujeitos que a compõem são seres sexuados e, especialmente ao/as jovens em formação, encontram-se, muitas vezes, em processo de descobertas de prazeres e desejos pelo sexo oposto, pelo menos sexo, ou por ambos. (JOCA, 2009, p. 102).

A carência de orientação para tratar as diversidades em sala dificulta o papel do docente e fecha portas que poderiam ser abertas para os alunos que se sentem reprimidos por



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

serem diferentes e já sofrem discriminação por parte dos colegas. As falas apresentadas e discutidas revelam que muito ainda precisa ser feito para mudar a postura negativa que alguns educadores insistem interpretar para os seus discentes a respeito das diferenças de comportamento e orientação sexual.

### **Considerações finais**

O objetivo do trabalho foi analisar o posicionamento de alguns docentes da escola pública municipal para verificar quais práticas têm sido executadas em sala de aula para tratar das questões de gêneros e sexualidade, e qual a formação estão recebendo para exercer uma postura diferenciada, mais preparada para lidar com as diversidades dentro da escola. Esse escopo foi alcançado com estudo de caso que constatou que as professoras possuem pouca compreensão sobre os diferentes gêneros, expressando uma visão ainda rudimentar e pouco atualizada que confunde conceitos básicos como sexo, sexualidade e o próprio gênero.

Percebeu-se que essas são incapazes de narrar ações concretas desenvolvidas em sala acerca do referido assunto, indicando inexistência dessa prática, raras capacitações ou formações continuadas nessa temática, insegurança e imprecisão na prática docente e orientação aos alunos.

O assunto gera muitas discussões e não se encerra nesse estudo, ao contrário, sinaliza necessidade de ampliar debates. Importa também considerar a necessidade de investir em formação de professores na perspectiva de promover maior conhecimento e incentivar o respeito pelas diversidades em todos os espaços de interação, principalmente, os educacionais.

### **Referências bibliográficas**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERTONI, Luci Maria. Em aberto. In: GALINKIN, Ana Lúcia. **Gênero e educação: um caminho para a igualdade**. Brasília: Inep/MEC, 2014. p. 23.

BERTONI, Luci Maria. Em aberto. In: FERNÁNDEZ, María del Pilar Miguez. **Identidades de gênero e etnolinguística nas experiências de educação superior de professoras indígenas no Brasil**. Brasília: Inep/MEC, 2014. p. 148.

BERTONI, Luci Maria. Em aberto. In: PULCINO, Rachel. **Papéis e identidades de gênero no contexto escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos**. Brasília: Inep/MEC, 2014, p. 129.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

COSTA, Adriano Henrique, JOCA, Alexandre Martins, LOIOLA, Luis Palhano. Desatando nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. In: \_\_\_\_\_. **Formação continuada para educadores/as sobre gênero e diversidade sexual: a experiência do grupo de resistência asa branca**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 161-162.

COSTA, Adriano Henrique, JOCA, Alexandre Martins, LOIOLA, Luis Palhano. Desatando nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. In: \_\_\_\_\_. **Educação escolarizada e diversidade sexual: problemas, conflitos e expectativas**. Edições UFC, 2009, p. 102.

FIALHO, L. M. F; VALDÉS, M. T. M. *Qualidade de vida na infância: visão de alunos da rede pública e privada de ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACHADO, Charliton José dos Santos, NUNES, Maria Lúcia da Silva, SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. Olhares: gênero, sexualidade e cultura. In: JÚNIOR, Luiz Pereira de Lima. **Disciplina e controle do sexo no ciberespaço: mapeando a sexualidade nos artefatos que abordam orientação sexual**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 17.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana. L. Salgado. *Guia Prático da História Oral*. São Paulo, Contexto, 2011.

TORRES, Marco Antonio. **Direitos humanos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) na educação e as lógicas heterossexistas**. *Fazendo gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos*. Santa Catarina, n 9, ago. 2010. Disponível em:



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278195712\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9MarcoAntonioTorres.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278195712_ARQUIVO_FazendoGenero9MarcoAntonioTorres.pdf)>. Acesso em: 01 Mar. 2015.